

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434•

DOI:

<https://doi.org/10.71263/82k4y906>

Resenha Crítica do livro “A dobra: Leibniz e o Barroco” de Gilles Deleuze

Manoel Heleno da Cruz¹

“O barroco é inseparável de um novo regime da luz e das cores. Inicialmente, podem-se considerar a luz e as trevas como 1 e 0, como os dois andares do mundo, separados por uma tênue linha e águas: os bem-aventurados e os condenados” Gilles Deleuze

¹ CRUZ, Manoel Heleno, mestrando do Prof.Filo do IFSertãoPE, Campus Zona Rural Petrolina, graduado em Letras e Filosofia, tem especialização em História da Arte, Literatura Comparada e Ontologia e Epistemologia, professor de filosofia, línguas e literatura. E-mail: Manoel.heleno@aluno.ifsertao-pe.edu.br

O livro *A dobra: Leibniz e o Barroco*, do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), publicado em Paris em 1988 (para esta resenha foi utilizada a 6ª edição brasileira, de 2018, da Papyrus Editora), é a obra na qual Deleuze foca seus holofotes sobre o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), apresentando, à sua maneira de criar conceitos e nos ensinar a pensar filosoficamente, a relação de Leibniz com o período barroco.

O Barroco, enquanto movimento artístico, cultural, estético, filosófico e religioso, nascido no cerne da Igreja Católica à época da Contrarreforma no Concílio de Trento, teve seu auge entre os séculos XVII e XVIII, época na qual Leibniz viveu e apresentou ao mundo a sua Monadologia, a sua matemática, o seu conceito de dobra (da matéria e da alma), sua teoria sobre a relação entre substância, espaço e tempo e as ideias paradoxais da estética e do pensamento daquele tempo.

Durante a leitura do livro, o leitor perceberá que Deleuze vê em Leibniz um pensador que antecipa conceitos-chave da filosofia contemporânea, e da própria filosofia deleuziana, como os conceitos de uno e multiplicidade, crítica à noção de identidade fixa, individualidade, liberdade, corpo e, ainda, ressignificando o seu próprio conceito de acontecimento versus singularidades amplamente abordado em *Lógica do sentido* (1969).

Para Deleuze, o conceito leibniziano de mônada é uma forma de pensar a *unicidade* e a individualidade como uma rede complexa de relações entre coisas e substâncias (corpo e alma, matéria e espírito, luz e sombras, elementos que refletem as antíteses e paradoxos da estética do movimento barroco como metáfora da dualidade que sempre habitou a humanidade). Conhecemos, pela ótica deleuziana, um Leibniz que reinterpreta concepções clássicas sobre o espaço e o tempo como relações internas às suas mônadas, enfatizando as noções de multiplicidade e complexidade do mundo no qual ocorrem os acontecimentos.

Deleuze enfatiza como Leibniz utiliza a metáfora da dobra para descrever a relação entre substância e espaço. A dobra representa a capacidade de uma substância se dobrar e desdobrar sobre si mesma, infinitamente, de forma rizomática, resultando em uma multiplicidade de relações e perspectivas a partir do conceito de mônada e compreendendo-as como unidades fundamentais da realidade que refletem o universo de maneira única, explorando sua capacidade expressiva.

Deleuze é, claramente, um filósofo que se apropria das artes para disseminar a sua filosofia da diferença, criar conceitos e apresentar novas formas de enxergar a arte como ponte para grandes reflexões filosóficas. Ele buscou traduzir essa simbiose entre arte e filosofia em diversas obras a exemplo de *Lógica do sentido*, *Kafka: por uma literatura menor*, *Francis Bacon: lógica da sensação* e *O que é a filosofia*.

Como temas secundários de *A dobra: Leibniz e o Barroco*, Deleuze recorre ao poeta simbolista francês Stéphane Mallarmé para nos apresentar a relação entre a linguagem poética do Simbolismo (que nada afirma, apenas sugere num jogo de sensações sinestésicas) para explorar o conceito de acontecimento. Deleuze recorre, também, a Whitehead² para a sua crítica à ontologia clássica; dialoga, ainda, com Heidegger para expor os seus conceitos de ser e tempo e sua crítica à metafísica clássica.

A dobra: Leibniz e o barroco é um livro excelente para introdução à filosofia de Leibniz, conhecer o espírito da época, a estética e o pensamento do homem barroco e seu dilema dualístico e, evidentemente, iniciar-se ou aprofundar-se no estudo da filosofia da diferença de Deleuze e compreensão dos seus conceitos. O livro apresenta um texto com um certo viés hermético, fato que requer conhecimentos prévios em filosofia, ciência e artes, elementos essenciais para uma melhor compreensão da obra em si; fato que pode, a princípio, ser resolvido com uma rápida pesquisa para resolver essa lacuna, quando for o caso.

O livro é importante e recomendável para estudantes de filosofia a partir do ensino médio, professores e pesquisadores. É uma excelente fonte para conhecer a genialidade da filosofia de dois grandes pensadores, Leibniz e Deleuze; cada um em sua época, mesmo assim

² Alfred North Whitehead (1861-1947) foi um filósofo e lógico britânico, fundador da escola filosófica conhecida como Filosofia do Processo, aplicada atualmente diversos campos da ciência, como a pedagogia, a física, a biologia, a economia e a psicologia.

suas ideias dialogam entre si. Ambos lançaram suas luzes sobre a filosofia, trazendo clareza a respeito do sensível e das coisas que compõem o mundo.

Referências

DELEUZE, Gilles, **A dobra. Leibniz e o barroco**. São Paulo: Papyrus Editora, 2018.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. **O que é a filosofia**. 3ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2020.

Rocha, G. K. da. Bachelard e Deleuze: (Des)Continuidades Geofilosóficas. **Cadernos Cajuína**, 2(2), 2024. 85–94. Disponível em: <https://doi.org/10.52641/cadcaj.v2i2.152>